

AS PRISÕES

Ninguém contesta que as prisões para onde os tribunais atiram os desgraçados, para cumprirem uma pena, e até aquelas onde outros estão submetidos a clausura preventiva, à espera de julgamento, são um verdadeiro horror. Todos concordam nisto. São monárquicos que por lá passaram, no tempo das incursões, são republicanos a quem lhes coube também a vez de experimentar, as agruras do cárcere. Todos eles, durante o encarceramento, se sentiam indignados com aquela infâmia, imprópria da nossa civilização. Mas a verdade é que alguns deles, tendo tido situações de destaque na vida política, depressa esqueceram os males passados, talvez convencidos de que a roda da sorte não tornará a desandar e a atirar com eles para um calabouço ou para uma cadeia.

Em princípio, não aceitamos a forma de reprimir a criminalidade, como a adota a sociedade actual, embora entendamos que certos criminosos, incuráveis, deverão ser isolados do meio social.

Entre, porém, a nossa aspiração de se criarem casas de hospitalização para esses doentes duma categoria especial e o que se faz actualmente, alguma coisa já se poderia realizar, que se aproximasse do que ha-de ser o tratamento da criminalidade no futuro. Há já países onde o critério com que se encara o crime é muito outro. Nesses países esses criminosos não são maltratados, não se procura tornar-se-lhes a vida insuportável, tendo-se até em algumas prisões a preocupação de lhes minorar o sofrimento de clausura com distrações, para lhes levantar o nível moral e evitar-lhes tudo quanto possa excitá-los e exacerbar a sua tendência criminosa.

Por cá não se faz nada disso. A prisão é um antro, um lugar de martírio. Predomina ainda no espírito de quasi toda esta gente a ideia do castigo, a necessidade de despertar no criminoso o remorso, com a sua concepção simplista de que o homem é livre de praticar ou deixar de praticar o mal, e deve, por isso, sofrer a consequência do seu acto. Não há grandezas nem generosidade na maneira de tratar estes assuntos, mas mesquinhez, um rancor estúpido de gente ignorante.

As cadeias são uma vergonha da nova civilização. Devem ser abolidas. Mas enquanto isso se não faz, que ao menos as tornem menos horríveis. E não é apenas a circunscrição de, permanentemente, lá se encontrarem os presos de questões sociais que nos levam a escrever estas palavras; mesmo que os presos por questões sociais tivessem clausura aparte, confortável, e em condições de poder suportar-se a clausura, nós não deixaríamos de nos revoltarmos pelo estado em que se encontram as cadeias, verdadeiros locais de suplício.

Desde que se proclamou a República, que se fala em reforma do regime prisional. Afinal, quando se decidem a fazer alguma coisa, como nos países civilizados?

A FOME NA IRLANDA

O silêncio infamante da imprensa burguesa

O governo burguês do estado livre da Irlanda, que nasceu devido a um compromisso tomado pelo governo imperialista inglês, os proprietários agrícolas e a burguesia irlandesa, toma como sendo um ultraje a revelação de que há fome na Irlanda e o emprego dos meios empregados para remediar a. Outra coisa não se podia esperar deste governo que apenas é um instrumento de colonização nas mãos dos imperialistas ingleses.

Extrairmos do *The Irish Worker* de Dublin algumas passagens características: «Percorri as regiões de West Donegal e declarei que os camponeses russos, mesmo os mais pobres, estão em melhores condições, isto após as guerras imperialista e civil.

«A miséria de Biddy Donoghue e dos seus cinco filhos nas caves inhóspitas de Teelin, não tem comparação nos anais do mundo civilizado.

«Vi os rostos emagrecidos e pálidos pela fome e pelo inverno dos filhos de Biddy: Michael, James, Mary e John. O sofrimento destas crianças deixou-me uma lembrança horrível e inolvidável.

Poderíamos juntar a estas poucas linhas assinadas por R. Stewart, inúmeros exemplos tão horríveis como este.

Na Irlanda encontraria o órgão das forças vivas farto assunto para campanhas...

contra os bolchevistas que governam a Grã Bretanha...

Viagem aérea ao polo Norte

OSLO, 23.—O aeroclub norueguês já completou todos os preparativos para a expedição em aeroplano do capitão Amundsen ao polo norte. —(R.)

Um discurso de Herriot contra os reaccionários aliados aos banqueiros

que produziu grandes tumultos na Câmara dos Deputados francesa

Acabamos de receber uma carta de Paris que vem pôr-nos bem ao corrente do que se passou na Câmara dos Deputados daquela cidade, na sexta-feira passada, e da qual extraímos algumas passagens interessantes que veem desenvolver o telegrama publicado anteontem no nosso jornal.

Como já é sabido de toda a gente os bispos e cardeais franceses fizeram uma declaração de guerra à democracia gaulesa.

Ora, ao contrário do que muita gente imagina, esse ataque foi repellido com orgulho e energia por parte de Herriot e os reaccionários tiveram que se calar, mau grado seu.

A reacção fingiu indignar-se quando Herriot, defendendo as leis laicas, comparou o cristianismo das catacumbas com o cristianismo dos banqueiros, dizendo:

«O laicismo não contesta a colaboração que o cristianismo prestou à civilização em dados momentos, sobretudo nas suas formas de pureza primitiva, quando era o cristianismo das catacumbas e não o cristianismo dos banqueiros».

Na verdade para declararem a guerra às leis laicas os cardeais e os arcebispos apoiaram-se nos banqueiros, industriais e comerciantes para melhor conseguirem os seus fins, importando-se pouco com os seus interesses espirituais e demasiado com as vantagens materiais.

E de prever que este gesto de ameaça, esboçado por estes vergonhosos partidários do antigo regime e especuladores do novo, seja apenas uma amostra. No de hoje foi o clero que marchou à frente dos banqueiros com a esperança de lhes abrir o caminho, mas amanhã serão os banqueiros que comandarão o assalto ao Senado, onde supõem encontrar um terreno favorável.

E assim como se viu hoje os banqueiros protestarem, com uma hipocrisia incomparável que nada tem com estes furiosos súditos do clero, amanhã veremos o alto clero afirmar perentoriamente que nada tem que ver com a revolta dos intrujões, exploradores e açambarcadores.

O que se passou na célebre sessão

Antes de tudo será bom acentuar que a oposição tomou uma atitude vergonhosa e incorrecta. Todas as frases de Herriot, mesmo as mais serenas, as mais resplandescentes de verdade, foram entrecortadas por grosseiras interrupções e por berros ensurdecedores.

Herriot começou por dizer: «E' perfeitamente exacto que, fiel à vontade do povo, nós nos pronunciamos pela supressão da embaixada do Vaticano. Mas tinhamos nós essa embaixada durante a guerra? E no entanto a França conservou a sua admirável unidade. Todos se acharam à vontade para seguir a sua religião, cumprindo ao mesmo tempo o seu dever nacional».

O abade Lemire ergue-se e confirma as palavras de Herriot:

«Na minha diocese, apenas reconheço o meu bispo, como superior. Quanto aos cardeais estes são os eleitores do Papa, e apenas têm uma autoridade de apelo. Lastimo, infinitamente, que o seu manifesto tivesse produzido a confusão entre a ordem religiosa e a ordem civil».

Em seguida Herriot continua o seu discurso, do qual extraímos os seguintes pontos principais:

«A nossa doutrina, que tem por fim separar o poder temporal do espiritual, foi defendida por todos os grandes ministros do antigo regime, como Richelieu e Massarin».

«O Papa disse, em 1925, que a nossa política não era justa, não era francesa. A declaração dos cardeais vem directamente desse seminário de Roma, que deu à França a maior parte dos seus chefes espirituais».

«Venho lembrar-vos que, para nós, a Escola Unica é, no quadro da Universidade, um processo para juntar as crianças pobres com as ricas».

E, talvez, por essa razão, que os cardeais combatem essa ideia tão violentamente, e para se justificar dizem que ela perverte as crianças.

E é então que Herriot exclama:

«O laicismo que reclamamos não nega a colaboração trazida pelo cristianismo, em dados momentos, à humanidade, quando ainda não era o cristianismo dos banqueiros».

A estas palavras, a minoria, que acabava de receber um golpe de mestre, e que não tinha cessado até ali de fazer barulho com as cartiras e de dar patedada, chega ao paroxismo do furor. Os urros e as invectivas ensurdecem os ares e Herriot não consegue dizer mais uma palavra.

Uma mina em chamas

São vítimas desta catástrofe 50 mineiros

A juntar ao rol já extenso das catástrofes mineiras, que de há um certo tempo vêm enlutando a humanidade, acaba de dar, em Firemount (Virginia), uma formidável explosão numa mina.

A força da deflagração foi tal que as casas situadas a três milhas dos poços foram abaladas.

Os engenheiros supõem que a explosão foi devida à queda duma bomba de nitroglicerina na mina. Há também quem diga que foi uma explosão de grisú.

Torna-se impossível socorrer os soterrados, pois a mina inteira está em chamas e cre-se que morreram todos os trabalhadores, uns 50 pouco mais ou menos, que ali se encontravam no momento da catástrofe.

O PARAÍSO BURGUEZ

Uma peregrinação pelo mundo da dor e da miséria

Para os lados da rua Maria Pia. O que Lisboa ignora. Um quadro dantesco

Estamos em frente dum cemitério, pequena cidade tumular, a que foi dado o título macabro de cemitério dos Prazeres. A rectaguarda fica-nos a cidade em todo o seu movimento, em todo o seu latejar febril de luta, de vida intensa, que não deixa ouvir nada, que não deixa ver nada. Para lá do cemitério, deve por força existir uma das entradas que nos conduza ao paraíso burguez. E' um instinto que nos guia até aqui, porque não é possível separar a ideia do paraíso burguez, sem uma vasta necrópole de vítimas, que alcançaram enfim, a ambicionada tranquilidade. Não nos enganamos. Tornando o cemitério, à direita, há uma pequena calçada que dá acesso a uma rua interminável, soturna, espécie de azeitugueira, que nos torna apreensivos, cautelosos. Os passos parecem soar mais nitidamente. De cada buraco na parede, de cada mancha do muro agourento, parece irromper não se sabe que cortejo de sombras, que nos vão prostar, que nos vão esmagar. E' a rua Maria Pia. Lembra uma longa estrada de prosa, um caminho para um logarejo maldito, donde tudo desertasse, onde a própria vegetação morresse ao contacto de uma terrível epidemia. Súbito, as sugestões do macabro, do tenebroso, confirmam-se plenamente. O muro interrompe-se como uma trincheira abatida, num assalto do vento furioso, e para lá dos destroços descobre-se a bocarra enorme duma cratera aberta na terra.

E' uma cova funda, inensa, espécie de poço enorme aberto na cavidade duma rocha. Não é possível conceber este cenário trágico sem a ideia de uma horrenda catástrofe, esborçando uma montanha, e abrindo nela, um dos círculos do inferno. Não poderia haver melhor decoração para uma das entradas do paraíso burguez.

A conhecida Boca do Inferno, com as suas aberturas ao fundo da rocha carcomida, não é mais trágica de que esta cavidade convulsiva, aberta para lá desse muro da rua Maria Pia. Dizem-nos que é o Casal Ventoso. Custa a acreditar. Em conjunto, aquilo é uma povoação, um logarejo, que uma catástrofe fez baixar, profundamente, o nível do terreno. Dessa catástrofe restam os destroços, a tornar mais horrível a caserna, mais arrepiente a

SOB O DIVINO OLHAR...

A Companhia de Jesus contra os operários!

Os graves escândalos da igreja dos Congregados

A igreja, aproveitando a indiferença desdenhosa como muito gente imprevidente a encara, vai estendendo a sua acção nefasta, lanfanzando as mulheres e apoderando-se das crianças deformando-lhes a cerebração por meio do ensino religioso. Um dia, quando aqueles que não obedecem aos dogmas católicos e não creem num Deus nascido do terror e da mais baixa superstição, reconhecerem o seu erro, será tarde, talvez demasiado tarde!

O Grémio Montanhês, que não partilha de certos e imprevidentes desdém, vem há muito combatendo a reacção clerical em folhetos, que só têm um defeito: um tom demasiado combativo que os torna antipáticos aos crentes a quem eles especialmente deviam ser endereçados. A parte esta gaffe, que só uma excessiva combatividade produz, e que de futuro, acreditamos, será eliminada, os referidos folhetos fazem boa e excelente campanha anti-clerical. O último manifesto editado pelo Grémio Montanhês «A Companhia de Jesus e o Operariado» ataca os maneios da «Internacional Branca».

Dê extraímos as seguintes passagens:

«Os filiados na célebre «Internacional Branca» ignoram que estão a ser comidos pelos grandes argentários e pelos seus patrões, que secretamente fazem parte da Associação, e pelos principais dirigentes, os jesuítas, (representantes da Seita em poderosas empresas industriais), que unidos todos num conclave misterioso, vão furando as greves e destruindo as aspirações do proletariado por intermédio da própria Internacional que alguns operários, na sua boa-fé, sustentam e defendem! Na Constituição da «Internacional Branca» — que a maior parte dos seus adeptos desconhecem — lêem-se estas elucidativas palavras: «Todas as organizações filiadas estão respeitavelmente e absolutamente submetidas à autoridade eclesiástica». E' assombroso!

A «Internacional Branca», destaca sempre para as várias associações operárias que não pertencem à grei, alguns dos seus filiados — dum e outro sexo — para estar ao facto de tudo o que nelas se passa e poder contrariar o que não lhes convém.

E, assim, inúmeras greves têm sido furadas, destacando-se entre elas a simpática greve das costureiras de Paris, perdida à última hora (quando o triunfo era certo) pela traição dalgumas das suas colegas per-

suas scenografia. Tudo é ali torcido, convulsionado, trémulo, como se o solo estivesse constantemente oscilando. Por toda a parte esbombrase uma nota de abandono, espécie de exílio das coisas. Num aglomerado confuso, distinguem-se carroças volatadas, carcomidas pela acção do tempo, barricas vazias, desfazendo-se aos poucos, taludes esbarronados, tapumes equilibrados prodigiosamente, em posições fantásticas, como que eletrizados no momento da queda.

Um passo, uma descida temerária, lá baixo àquele inferno e tudo aquilo se desmoronava, tudo aquilo abatia com um fragor de tempestade. Vários caminhos, estreitíssimos, escarpados, cortados na encosta desta cratera, ameaçam atrair-nos para ignorados precipícios. Montões de lixo, acumulação secular de detritos, equilibram uns telheiros inverosímeis, onde a erva cresce a esmo, assinalando abandono, a vida selvagem desta localidade maldita. Encoberto, por tudo isto, há uns casinhotos, umas barracas, sustidas por milagre, sob a ameaça constante de se esboroarem, ou precipitarem no fundo da cratera.

E sob estes telheiros, de mistura com estes escombros, encobertos com o lixo, com a dificuldade de acesso dos caminhos abertos na encosta abrupta, gente formigando, gente arrastando-se como toupeiras, gente que não se vê, como se não vê facilmente as barracas onde apodrecem, como se não vê facilmente o caminho para chegar até junto deles.

E que fará esta gente, como viverá ela? Como será ali a delícia do paraíso burguez?

Mas que força estranha animará esta gente, para poder sobreviver num inferno destes?

E chamam aos outros, aos que vivem em opulentas moradas, aos que respiram bom ar e se refestelam no sangue dos pobres, «forças vivas»!

E como se chamaria então à força destes miseráveis do Casal Ventoso, que consegue ter força para viver num pardieiro, soterrados em montões de lixo, perdidos, esquecidos do mundo, no fundo duma cratera, que é um verdadeiro leprosário, logar maldito do paraíso burguez?

«Internacional Branca», que aceitaram um salário mais diminuto, comprometendo por essa forma, o movimento das pobres raparigas, vítimas, a maior parte, da implacável tuberculose, para gáudio dos refestelados e para glória dos santos massmarras da Companhia de Jesus»!

A igreja, porém, encarega-se, por parte dos seus mais directos filhos da admirável empresa de se desmascarar a si própria. O grupo «Os Solidários» do Porto, editou um vibrante manifesto zurzindo valentemente os escândalos cometidos numa das mais importantes igrejas do Porto — a aristocrática igreja dos Congregados, que fica a dois passos da estação de São Bento. O prior dessa igreja, padre Domingues Vaz de Azevedo atrai a sacristia daquela igreja, prometendo-lhes pasteis, rebuçados e outras gulodices, os rapaziños que habitualmente frequentavam a catequese e ali perante o madeiro do mártir de Golgotha, praticava os mais repugnantes actos de inversão sexual deformando o físico e a moral das pobres crianças, a quem, lentamente, ia iniciando no vício perverso da pederastia!

E o manifesto formula depois estes justíssimos comentários:

«E, ó crentes ingénuos e fervorosos! O' almas candentes, que acreditais piamente nas paratadas dos padres e nas hipocrisias da religião! O' pais e mães, a quem a educação religiosa deformou o cérebro e obliterou a consciência! Imaginais, por acaso, que, daquele que se a ignorância vos faz acreditar, desceu algum raio ou corisco que fulminasse imediatamente o monstro? Pensareis, por um instante, que os santos da corte celestial se revoltaram contra o famigerado sotaina, dando-lhe o prémio da sua patinação?

Se imaginais ou pensais isso, enganai-vos. O padre cometa os seus crimes sob a capa da religião, e sob a protecção infinita do seu Deus e dos seus Santos. Contando com a impunidade deles, e contando com a complacência dos crentes, exercia os seus baixíssimos prazeres sexuais nas crianças, sem o menor vislumbre de pudor!...

Horroroso desastre

Ponte que abate o um comboio que cai a um rio — Morreram 40 pessoas

DURBAN, 23.—Devido às grandes chuvas abateu a ponte sobre o Sprint, próximo de Colenso, no momento em que passava o comboio. As chuvas tinham transformado o Sprint numa torrente caudalosa em que o comboio se precipitou.

A máquina, o tender e as duas primeiras carruagens que iam cheios de negros mergulharam nas águas, tendo as restantes carruagens tombado sobre o terreno marginal. Até agora sabe-se que morreram o foguista e quarenta passageiros negros. Os europeus que iam nas carruagens da rectaguarda conseguiram salvar-se mais ou menos feridos. —R.

«Cavalcada de Sonho»

O último livro de novelas de Júlio Quintinha consagra-o como escritor de grande alma e fino requinte

Como a vida não me oferece, em regra, senão motivos de desgosto, minha pena habituou-se melhor ao combate do que ao elogio. Por maiores esforços que fizesse, nunca seria capaz de enfileirar, arrematando e disciplinando, numa «coterie» qualquer, distribuindo e recebendo louvores. Quando, excepcionalmente, uma boa acção ou um bom livro, que é ainda uma boa acção, me impõem o dever de traçar aplausos — minha pena treme e hesita. Talvez receie — e com razão — que as palavras respisadas que já desenha com tanta facilidade, teimem em antepôr-se aos termos correctos que medito e quero escrever.

Se este elogio que hoje vou traçar à última produção literária de Júlio Quintinha, não estiver à altura do seu merecimento, que me perdoem os leitores — a culpa não será minha, é desta maldita pena que tem maus hábitos criou.

Cavalcada de Sonho, assim se chama a última obra de Júlio Quintinha, que «Portugal e Brasil» vem de editar.

Melhor título não poderia o autor escolher que sintetizasse tão bem o romantismo do livro que escreveu. Sonho, apenas sonho é tudo o que venho de ler nesse livro curioso — mas sonho dolorido, grande sonho que as realidades prosaicas da vida, a toda a hora despenham nos abismos tenebrosos do pesadelo.

São dez novelas em duzentas e tantas páginas, dez novelas de dor, de angústia embelezada pelo estranho requinte da palavra animada e romântica, cadenciada e musical.

Desde o *Homem Forte* — o homem invulnervel — que uma mulher qualquer transforma num farrapo pelo poder da sua sedução perversa — ao *Mesquita* — o humilde jornalista, roído de fome e de miséria, que sempre honesto, sempre correcto, gasta quarenta anos de vida laboriosa a redigir as notícias dos grandes banquetes, das grandes festas de gala: dos *Palhaços* — um cheio de trágico ridículo à doce *Maria Madalena*, requintada e «snob» que se apaixona por um operário anarquista, o sonho, o grande sonho duma vida ideal, que a sociedade, os preconceitos, a fatalidade impedem que vingam e floresçam, mostram sempre a sua face luminosa.

Cada pequena novela está traçada com requinte, com esmeros de linguagem que no seu admirável *Terras de Fogo* — que apareceu agora em segunda edição — Júlio Quintinha não atingiu. O *Bailarino* é primoroso de estilo, ressumando beleza, equilíbrio, beleza, *Maria Madalena* possui técnica novelesca, possui inesperado, causando emoção em cada página, despertando a curiosidade a cada linha. Nem o *Vizinhos do Mar* que foi para Quintinha uma formosa estreia, nem o belo livro que se lhe sucedeu, *Terras de Fogo*, onde a forma literária assume já melhor equilíbrio, chegam à plasticidade da sua última obra — *Cavalcada de Sonho*.

Para em todo o livro uma sombra de sonho insatisfeito: o sentido social que umas vezes mal se adivinha na subtilidade dum conceito, na angústia dum grito de alma, na descrição dum gesto desolado, outras afirma-se pujante de rebeldia e de beleza, como nesse formoso conto *Maria Madalena*.

Razão tinha eu em dizer no começo deste artigo que não tinha a pena afeita ao elogio. Felizmente, que não pertence Júlio Quintinha às cooperativas do aplauso mútuo e obrigatório, porque, de contrário, estaria a esta hora com uma excomunhão às costas...

Bernardo Marques, que fez as ilustrações da capa, interpretando com inteligência o pensamento do escritor, merece também que lhe façam aqui amável referência.

MARIO DOMINGUES

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Serões populares de Arte

Realizou-se na Universidade Popular Portuguesa o primeiro dos serões populares de Arte que esta instituição resolveu oferecer aos seus associados, este organizado sob a direcção do maestro sr. Freitas Branco e que teve excelente êxito.

Após algumas palavras do crítico de Arte sr. António Arroio, abriu o serão o sr. Freitas Branco, que fez uma conferência sob o tema *A arte social e o povo*, muito aplaudida.

Os restantes números do óptimo programa foram desempenhados pelos srs. Hernâni Falco, Eduardo Libório, D. Elvira Neto, D. Josefina Lagos, Ferrugento Gonçalves, professor Artur Trindade, D. Raquel Bastos, D. Ana Castell e Guilherme Baptista Ferreira. Foram especialmente aplaudidos o dueto do «Barbeiro de Sevilha», admiravelmente cantado pela sr.ª D. Raquel Bastos e professor Trindade, a ária dos «Puritãos», pela sr.ª D. Josefina Lagos e «Variações sobre a Folia», pelo sr. Guilherme Baptista Ferreira.

Como a sala, a pesar de ampla, não pudesse comportar todos os sócios da Universidade, os que não obtiveram bilhetes para esta festa poderão requisitá-los para as duas seguintes, que se efectuarão nos meses de Abril e Maio, estando a sua organização a cargo, respectivamente, dos professores srs. Manuel Ramos e António Arroio, de acôrdo com o representante da U. P. P. dr. sr. Reis Machado.

Uma internacional fascista...

ROMA, 22.—Afirma-se que os fascistas planeiam a organização de uma internacional de fascismo, destinada a combater a internacional de Moscovo.

O comício do Teatro Nacional

A política e políticos foram duramente atacados pela facção esquerdista do Partido Democrático

A facção esquerdista do Partido Democrático realizou, anteontem, no teatro Nacional um comício de propaganda. Foi numerosa a concorrência, predominando nela o operariado.

Mercez destacou-se a presença de muitas senhoras, o que prova que o alheamento da mulher por todos os problemas que não estejam circunscritos ao lar, se vai, pouco a pouco, dissipando...

A assistência escutou com a maior tolerância os oradores e aplaudiu algumas das suas afirmações. O mesmo não aconteceria à outra facção do Partido Democrático, chefiada pela vaidade, pela ambição, pela falta de escrúpulos e pelo evidente reaccionarismo do sr. António Maria se ela ousasse apresentar-se em público... Mas não ousa porque a consciência a acusa de grandes crimes contra o operariado e sabe que este não deixaria de pedir-lhe contas do seu histrionismo e da sua venalidade. Limitar-se há ao ambiente restrito de alguns centros políticos com poucos filiados e nenhum entusiasmo.

Não vá de tudo isto inferir-se que abdicamos dos nossos métodos de luta; que o operariado abandone o terreno da acção sindical, trocando-o pelo terreno artificial e escorregadio da política. Deve antes concluir-se que o proletariado não é duma intransigência ou atoa dum sectarismo feroz, atacando à toda sem distinguir quem ataca...

São dignas de registo algumas afirmações feitas no comício do Nacional, que demonstram a razão de quasi todas as atitudes do proletariado.

Algumas das afirmações do sr. Pina de Morais:

«As democracias fazem-se de baixo para cima e esta é a ideia que sempre defendi.» «Porque esquece a pátria esses seus humildes filhos — os mutilados — que deram o seu sangue nas trincheiras da França? Porque a onda de interesses abafa e subverte todas as consciências?»

Referindo-se às «forças económicas»: «Estou convencido de que há grandes inteligências dentro das «forças económicas», pois ainda me lembro do sr. Alfredo da Silva, no tempo do sidonismo, a legislar para um monopólio de sementes oleaginosas...»

Sobre os banqueiros: «Entre os banqueiros também deve haver inteligências para multiplicar a dívida das 400.000 libras ao Estado. Mas enquanto os humildes se batiam nas trincheiras as «forças vivas» ganhavam rios de dinheiro, indo com a máxima correcção depositá-lo nos Bancos estrangeiros.»

O sr. Sá Pereira:

«Chegámos a uma situação dolorosa em que o povo não acredita na virtude dos homens que aparecem em público a falar. E quando se pensa em nós é sempre para nos encarnarem com desconfiança. E' porque a hora que passa é bem dolorosa, chegou o momento de dizer ao povo que tenha mais cuidado nos aplausos a endereçar aos políticos.»

Sobre a situação económica:

«E' preciso reagir e dizer que o povo português não pode ser condenado a morrer de fome. A luta que se vai travar é dos homens que estão ao lado do povo contra aqueles que o tem negado, roubado e espinhado. E porque a luta está travada nós havemos de gritar que o povo não está resolvido a entregar-se às mãos daqueles que os exploram.»

Referindo-se à queda do governo José Domingos dos Santos:

«Pois esse governo, em menos de 30 dias, apresentou ao Parlamento uma lei acabando com os monopólios dos tabacos e dos fósforos, e quando se propunha meter na ordem os banqueiros, disseram-lhe: Os senhores tem de sair porque afirmamos que a força pública não servia para espingir o povo! Esse governo não pôde levar a sua missão ao fim porque metia medo a todos os argentários e era o pesadelo dos que fazem sair o dinheiro para fora do país. Acioaram os seus homens de bolchevistas e de gente perigosa, por recear que fossem bolir nos seus interesses... Por mim aceto o repto: antes ser partidário duma sociedade nova do que duma sociedade podre; antes pertencer ao partido dos que tem ideias novas do que a um partido das forças vivas.»

O sr. José Domingos dos Santos:

«Se é indispensável que o povo faça ouvir a sua voz é necessário escolher aqueles que saibam cumprir o seu mandato no Parlamento. Quando ali entrei, como presidente do ministério, disse que ia governar em nome do povo e de cabeça levantada. E quando um dia me disseram que estava atando a luta das classes eu respondi que há muito as defendia. Essa luta não é de hoje; vem desde que existe o mundo e há-de existir enquanto houver explorados. Nessa madrugada célebre em que eu caí acusaram-me de ter cometido o crime de ter dito que a força pública não servia para espingir o povo.»

Houve um deputado que declarou no Parlamento que se estivesse a comandar a força no Terreiro do Paço mandaria fazer fogo para a mole popular a fim de poupar munhões.

Essa frase, proferida por um dos membros do partido Nacionalista, veio publicada nos jornais e no *Diário das Sessões* da Câmara dos Deputados. Após 14 anos de República ainda se diz isto. Não pode ser.

Decerto o leitor chegou à mesma conclusão que nós: o comício do Teatro Nacional constituiu um ataque aos políticos e mormente aos democráticos, feito por políticos que são democráticos — da facção antagonica à do sr. António Maria da Silva.

Lede o Suplemento de A BATALHA

Os livros e os autores

A INVASÃO DOS JUDEUS — por Mário Sâa

Mário Sâa é um dos espíritos mais curiosos e mais inteligentes dos modernos escritores portugueses.

Verdadeiro temperamento de homem de letras, com um instinto apuradíssimo em todos os problemas que interessam à vida mental, percebe-se que a sua acção poderia ser qualquer coisa de muito notável se o seu inquieto temperamento lhe consentisse uma necessária disciplina mental em que trabalhasse, apuradamente, uma das suas tendências.

Poeta, artista, investigador, alguma coisa arqueólogo, músico e desenhador, por todas estas manifestações o seu espírito se dispersa, eternamente volúvel, esbanjando toda uma fortuna de saber e de imaginação.

O seu recente livro, trabalho valioso de investigação, que intitulou *A invasão dos judeus*, é a prova eloquente de que afirmamos. Grande mas incompleto livro, ele serve mais para dar uma ideia das altas qualidades do autor, do que para provar a tese enunciada.

Mas—dizem—se o autor da obra não consegue tratar, devidamente, o tema que traça como justificar o seu valor?

E' porque Mário Sâa, a propósito da invasão dos judeus, escreveu páginas dum grande valor histórico onde, marcou, triunfalmente, embora sem método, as suas invulgar qualidades de cultura e investigação.

Que quiz fazer o autor desta discutida obra?

Provar o perigo da invasão da raça judaica, e documentar o assalto dos judeus à riqueza, ao Estado, à religião e à vida mental. Para isto escreveu cerca de trezentas páginas, grande formato, ilustradas com inúmeras fotografias, traçando a história dos judeus, desde o seu início nos berços de Israel e Judá, e tocando as mais célebres fases do judaísmo, no século XVI, em Espanha e Portugal, e daqui até aos nossos dias.

E mais do que uma divagação histórica, porque tem capítulos traçados com mestria; mas falta-lhe uma conclusão concreta, clara, terminante, para podermos analisar o tal perigo judeu.

Quanto a mim, o livro estaria todo ele certo—exceptuando algumas *blagues* de que o autor se não quiz privar, muito voluntariamente,—se tivesse outro título. Qualquer título que fizesse referência ao judaísmo, mas não pretendesse ser a síntese dum perigo que, realmente, não consigo distinguir.

Por exemplo, seria um optimo título este: *Valiosos subsidios para a história do judaísmo em Portugal*. E assim estaria certo.

Preciso de lembrar ao Mário Sâa que, nesta altura do século XX, já não podemos desencadear essas questões de raça, porque a ciência e uma forte e renovador sentido humano impede essa bárbara regressão.

Judeus ou maometanos, brancos, negros ou ruivos, o mundo é de todos os homens e todos, igualmente, têm os direitos que lhes outorgam o seu carácter, a sua inteligência e as restantes qualidades de que é amassada a humanidade.

Nem o pensamento universal hoje pode aceitar o preconceito das raças, pelo menos com aquele critério simplista do passado; nem a humanidade pode prescindir (e muito menos expulsar) quaisquer valores sociais por uma questão de raça—essa coisa já tão difícil de definir, com rigor e propriedade.

Imagine-se que aparecem sábios dos mais ilustres, artistas, professores eminentes, mas da família judaica. Por este facto havemos de recusar a sua colaboração? Não pode ser.

Ora se tal não pode ser, também lhe não podemos recusar o direito de se evidenciar e assumirem as posições que o seu talento e génio conquistam.

Aquilo a que Mário Sâa chama *assalto à riqueza e ao Estado* chama eu, que não dou notícia de ser judeu, conquista de situação. Essa conquista, pelo que se refere à absorção capitalista, é tão ilegítima como a realizada pelos outros indivíduos.

E' perigosa, não por ser realizada por judeus, mas por ser praticada por todos os indivíduos. E se os judeus, intelectualmente e no campo da actividade, se distinguem, esse caso é apenas devido à sua superioridade. E ainda bem que se distinguem, concorrendo para o progresso humano.

E, depois, há que não esquecer que eles, em toda a parte, são ainda uma minoria. E' realmente antipático o aspecto de usura, de gozo, que caracteriza a maioria dos indivíduos considerados judeus, mas esses mesmos sentimentos vamos encontrar, em maior quantidade, noutras castas predominantes.

No seu livro pretende ainda provar Mário Sâa que os movimentos revolucionários em Portugal, desde as mais remotas sublevações, foram obra dos judeus. Nenhum mal viria a estes por isso, mas não deve ser rigorosa tal observação.

Se assim fôsse, como explica então o autor os milhares de movimentos libertadores realizados noutros países—em todo o mundo—onde não deixou rastro a família de Israel?

Feitos estes reparos, a minha atenção não pode deixar de voltar-se para o que há de valioso nesta obra onde encontro materiais para eterna discussão.

Mário Sâa é uma pessoa estudiosa, duma grande correcção, mesmo quando está em erro. Um antagonista que faz honra em qualquer discussão.

A edição da obra é magnífica, quasi lusoana.

MEMÓRIAS DE UMA BONECA, contos adaptados por Marques Junior

Editado pelo livraria Guimarães, publicou o sr. Henrique Marques Junior um livro de contos destinado às crianças, que deve preencher, inteiramente, o seu fim, pela delicadeza e escriptura com que foi tratado.

Baseando-se na tradição popular, e nalgumas versões de literatura infantil de outros países, o autor preparou metódicamente a sua obra, a que deu o nome de *Memórias de uma boneca*.

Todos os contos são bem tratados, devendo mencionar-se a *História duma tartaruga* e a interpretação duma lenda da Grécia antiga.

Edição cuidada.

JULIANO QUINTINHA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: *Abnegación* de J. Sanjurjo. Preço: \$50—Pedidos à administração de *Batalha*.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No São Luís

«O rato de hotel», opereta de Luna de Oliveira, Horta e Costa e Feliciano Santos, música de Filipe Duarte

«O rato de hotel» é uma opereta portuguesa da autoria de Luna de Oliveira, Horta e Costa e Feliciano Santos.

Conhecido o primeiro e último como autores de originais e o segundo como tradutor experimentado, de esperar era o êxito que alcançou a peça, conduzida de princípio a fim com uma intuição scenica, com um espírito esultante que honram os autores. E, se não fôra a escusada extensão do segundo acto, no que respecta ao vinco operetista, poderíamos considerar como modelar a obra, que ficará no nosso teatro do género como sendo das suas melhores composições.

A música de Filipe Duarte ajusta-se com naturalidade à letra e aparte uma outra repetição de motivos melódicos, aliás natural em música com tão grande *folha de serviços*, não exageraremos se declararmos «a priori» que a partitura é inspirada, acessível e apropriadíssima.

O desempenho esteve à altura da produção teatral.

Ausenda de Oliveira que fazia a sua festa, venceu vocalmente a parte musical, o que é para regosar, sabido como é que a graciosa artista não é uma cantora de opereta, no sentido em que a frase pode ser tomada. Garrida, encantadora de atitudes, esbelta de movimentos, Ausenda, que de há muito conquistou o público, ouviu, justificadamente, os aplausos correspondentes ao seu trabalho.

Fernando Pereira cantou com sentimento e apresentou-se correctissimamente como actor.

Aldina de Sousa cantou com uma bela intenção embora abusando dramaticamente, da gestualidade às vezes descomedida. Vasco Santana, cómico *sui generis*, fez rir desprezadamente o público. Sofia Santos, Sebastião Ribeiro, Carlos Viana e os outros artistas bem. Coros afinados. Maracções de Armando de Vasconcelos, excelentes, de bom gosto e algumas inéditas em companhia portuguesa.

Nogueira de Brito

No São Carlos

A comédia de Hennequin e Coofus «O sinal de alarme», tradução de Acácio de Paiva

Mais uma peça no São Carlos, que levará em sucesso o caminho de «A Vinha do Senhoriço» que é, das peças da companhia de São Carlos, uma das que mais encantam os espectadores.

«La sonnette de alarme» que Acácio de Paiva traduziu bem para «O sinal de alarme» é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são curtos, precisos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não começa a impacientar-se. O recício cómico é vivo, às vezes de intenção e como em quasi todas as peças de autores reputados, abundante de observação e certo de «carapuz». E' também curioso notar, como no activo cómico da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farrapos de sentimento.

Uma peça como «La sonnette de alarme» exige evidentemente um desempenho harmonico, bem ajustado e consciencioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudou admiravelmente o tipo de provincianismo francês, achando nele a correspondência possível com o da nossa terra. A distinta actriz na sua transmutação do primeiro para o segundo acto, foi duma felicidade extraordinária, duma verdade palpante. O seu trabalho foi completíssimo e cheio de contrastes. Erico Braga insuflou ao papel um ar de bonomia encantadora, natural, fino e dizendo com certo ritmo, denotando o ensino que marcessemos mais uns valores na sua caderneta profissional.

Joaquim Almada, que continua a mostrar-se um actor de bons recursos que um aturado estudo vai sempre valorizando, manteve-se rigorosamente a dentro do seu papel. Joaquim Almada tem diante de si um grande futuro se não for tolido na sua modestia pelos fumos da vaidade. Maria de Vasconcelos, menos hirta, embora sempre distinta, atravessou a scena com distincção e carácter. Mário Santos adequadamente grotesco, compôs com verdade o tipo que incarnou. Amélia Pereira num exaço próprio, desentou o personagem com arte e elegância. Samuel Dinis deu com sobria intenção o «marido» a quem a ciência obsecou. Bem graduados os seus gestos. Maria Côrte-Real, fresca e bem vestida. Seixas Pereira teve a necessária frivolidade que o papel lhe indicava. Os outros artistas em pequenos papeis agradaram sem favor. Simples mas insinuantes os cenários, segundo *maquettes* de Erico Braga. De muito bom gosto, e dum corte elegante as «toilettes» de Lucília e Maria de Vasconcelos. Muito boa a tradução.

N. DE B.

O recital de Viana da Mota

Foi notável o recital de piano dado pelo eminente artista que é Viana da Mota, sendo para lamentar que a concorrência a ele não fôsse tão numerosa como deveria sê-lo. O pianista teve o cuidado de nos revelar a magia da sua execução em trechos de sentidos musicais diversos, em músicas cujas responsabilidades de interpretação tomavam aspectos bem variados.

Triunfalmente, com um poder de técnica assombroso, Viana da Mota impressionou vivamente o auditorio. Chopin, Beethoven, Liszt, Debussy e Balakiev foram interpretados por forma a dar-nos todos os combiantes da sua composição, todo o matiz expressivo da sua beleza musical. O estudo em valsa de Liszt, e o prelúdio e sarabanda de Debussy tiveram uma cor, uma contorção de descriptivo ritmo espantosa e isso vem provar-nos que o grande pianista se afeiçoou, se adaptou a todos os géneros de composição, não havendo para a sua extraordinária arte, fraquejamentos possíveis, pois sente e executa com o sentimento próprio toda a página que toca, sem que haja, porventura, a mínima influência de escola, a não ser no que respecta ao sentido exacto da inspiração do autor.

Foi uma tarde inolvidável esta em que Viana da Mota continuou a afirmar-se o grande artista que honra o país.

N. B.

DESPORTOS

Bemfica: 2; Casa Pia: 0 — Cascais vencem o União por 5-4

No Campo do Restelo, com uma ventanira fria que arrepiava, levantando nuvens de poeira que cegavam os espectadores das bancadas, deram-se no domingo os antepenúltimos encontros da segunda volta do campeonato de Lisboa. Prejudicada a beleza do desporto pela impossibilidade dum perfeito domínio da bola devido ao forte nordeste, verificou-se entretanto o domínio da *ferocidade*, e como impossível uma boa execução técnica, optou-se pela *boa e eficaz agressão* mútua, que pelos modos, como as coisas vão correndo, tudo indica que está a fazer escola progressiva no género de futebol.

Foi vergonhoso o que se verificou em quasi todo o encontro Bemfica-Casa Pia. Não há o direito de se consentir, numa exibição pública, com o carácter demonstrativo de educação física, que as fases de associação, de conjunto técnico desportivo, sejam eliminadas por uma *selvática* caça ao homem, originando scenas de pugilato, degenerando num espectáculo degradante e indecoroso. Não seria difícil averiguar quem iniciou no domingo a série brutal da violência, que o espírito de *rêvanche*, muito caracterizado, tornou pouco depois geral.

Ambos os grupos se apresentaram com alterações nas suas linhas, apresentando Bemfica o antigo jogador João Moraes a extremo direito e a Casa Pia sem Gomes dos substitutos por Heitor. Os primeiros minutos foram de expectativa e ensaios, até que uma avançada da Casa Pia, conduzida pela esquerda, origina um remate que a trave defende. Fica estendido, com um forte pontapé no joelho, Fernando de Jesus que pouco depois tenta reentrar, mas não o consegue, porque a contusão é de molde a impossibilitá-lo para o resto da tarde. Simões substitui-o no lugar ficando Bemfica a jogar com quatro homens na linha avançada.

Começam a desenvolver-se as violências; V. Gonçalves reclama do árbitro a sua intervenção pois está sendo violentamente carregado. J. Graha numa colisão com V. Hugo sai do campo também fortemente magado. O jogo decorre sem beleza; a bola faz efeitos inesperados pela acção do vento que a impele; Crespo, perde a boca das rédes, um ponto mais que certo, mas que um forte *bicudo* desnecessário, faz subir a bola a grande altura e sai fora. As avançadas sucedem-se, Hugo Leitão corre com a bola junto à linha de limite do campo e centra; alguns jogadores, dos *negros*, gritam que a bola houvera saído fora do retângulo, o juiz de linha agita a bandeirinha em sinal negativo, a bola continua em jogo e está perto das rédes; era uma das boas avançadas do Bemfica; Graha suggestionado pela afirmativa dos seus, sem que o árbitro tivesse apitado, agarra a bola e atira-a para o local originário do incidente.

O árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, depois de ouvir o juiz de linha, a grande penalidade; há protestos, invectivas, verificando-se mesmo desrespeito por parte de um jogador casa-piano, que atira a bola, fora da mão do árbitro. Pimenta marca o ponto com um forte e bem colocado pontapé. Recrudescem então a brutalidade e generalisa-se; poucos se salvam. A decisão do árbitro, que foi tomada à letra do regulamento, seria talvez excessivamente rigorosa, mas alguém nos lembra facto identico, verificado há dias com Palhava, no 1.º Lisboa-Algarve. «Na grande área das rédes de Lisboa, um jogador daqui, mete mão; um dos algarvienses entusiasmado pelo momento que se oferece para marcar, agarra a bola imediatamente, antes que o árbitro, J. Nogueira, apitasse, dando em resultado ser marcado um pontapé livre contra o Algarve, beneficiando Lisboa por motivo do jogador algarvio tocar com as mãos a bola, que então ainda estava em jogo, sem que, principia o juiz apitasse para o *célio*. Daí a bronca e então... não se pode fazer a história do resto da primeira parte. Foram

expulsos por incorrecção quasi no final deste primeiro tempo Domingos Gonçalves e João Moraes que voltam a alinhar na segunda parte com consentimento do juiz de campo. Bemfica, em situação de inferioridade, deixa-se dominar pelos *negros* que se mostram pouco eficazes no ataque, não só por mau remate dos seus avançados, mas mais pela brilhante acção do trio defensivo *vermelho* que numa boa exibição destrói eficazmente todo o jogo do adversário. Entretanto dominados, conseguem os Benfiquenses por vezes, fugidas perigosas, dando lugar numa delas, por resultado de excelente preparação de Crespo, a que Hugo Leitão, um oportuno remate, consolida-se a vitória do seu clube bem merecida, pelo aador que poz na luta. O Casa Pia, continua dominando sem resultado; Crespo e Lopes são expulsos, e o jogo termina, com aprasimento dos *Sportingistas*, que assim viram firmada a posição do seu clube, como campeão de Lisboa, pois que os jogos que faltam em nada vêm modificar a sua classificação. Da arbitragem, a cargo de Joaquim F. Costa, difícil para quem nunca se viu em tais *assados*, não podemos dizer senão bem, levando em linha de conta é claro, a *qualidade* do jogo e também o facto de, para uma parte do público, ser visto com interesse no resultado, visto ser *leão*. Aguentou-se no balanço, embora pudesse ter evitado muito, se se tivesse imposto com mais energia quando se esboçaram as violências, que tam triste nota está dando, do valor moral de muitos homens, que apresentando-se em campo a defender as cores dos seus clubes não podem infelizmente para todos nós exigir, como de direito, o respeito público. Providencie a tempo quem de facto o pode e deve fazer.

Do jogo Cascais-União nada há a dizer em matéria de violência. Muito ao contrário. Lutando com as mesmas dificuldades, com que a natureza nos brindou, no domingo, com a entrada da primavera, verificou-se em muitas das suas jogadas, inteligência e vontade de adaptação do jogo às más condições do tempo. O jogo destes dois grupos, da II divisão, teve fases interessantes, equilibrando-se algumas das vezes e, embora o Cascais disponha de melhor técnica, mais perfeita e rápida condução no jogo, na sua linha avançada, o União, um dos poucos que tem progredido, poderia com um pouco mais de sorte, ter empatado, pelo menos. Acabado o primeiro tempo com um 3-3, o Cascais, na segunda parte, empregando-se a fundo, conseguiu marcar mais duas bolas e o seu adversário apenas uma, beneficiando ambos de grandes penalidades.

O primeiro lugar da II divisão cabe já ao Cascais, e se conseguir bater o último classificado da primeira, pode-se considerar *aspirante* ao título de campeão de Lisboa, se o conseguir arrebatar no virtual detentor: o *Sporting*. O que não é crível, embora fosse possível... merecedor, para nós, errada concepção das leis, que regem a disputa do campeonato de futebol.

A.

Segundas e terceiras categorias

Em segundas categorias, o Vitória conseguiu bater o Belenenses por 3-0, num jogo que bem pode classificar-se de violento, para não fingir as *regas*. Em terceiras Bemfica marcou dois pontos por não comparência da Casa Pia.

Pela França

A selecção francesa, que há dias foi batida, em sua própria casa, pelos *Paulistas* por 7-2, acaba de perder com a selecção representativa de Itália por 7-0, números estes que, por elevados, colocam em má posição, o valor futebolístico francês. No domingo, *Stade Français*, forte agrupamento parisiense, foi batido pelos *Paulistas* por 3-1, que registam já a sua segunda vitória em Paris.

Coliseu dos Recreios

HOJE—às 21 h. (9 da noite)—HOJE

2.ª apresentação dos mágicos dançarinos

5 Topsy Turvy 5

A maior e mais surpreendente novidade em dança

Trabalho nunca visto em Portugal

EXITO ASSOMBROSO—NUMERO INCOMPARAVEL

Admirável e sensacional programma de

Grande Companhia de Circo

SEMPRE NOVIDADES — SEMPRE ATRAÇÕES

5.ª feira, 26 — GRANDIOSA «MATINÉE»

Estão suspensas as entradas de favor

Teatro Nacional

HOJE, às 9,30 da noite

A LINDÍSSIMA PEÇA

DICKY

de originalíssima entrecho

intercalada

de enrantadores diálogos

Brilhantíssima interpretação

Sucesso incedível

BREVEMENTE:

Estreia de Chaby Pinheiro e

Jesuína Chaby, no

Abade Constantino

Edição cuidada.

JULIANO QUINTINHA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: *Abnegación* de J. Sanjurjo. Preço: \$50—Pedidos à administração de *Batalha*.

Edição cuidada.

JULIANO QUINTINHA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: *Abnegación* de J. Sanjurjo. Preço: \$50—Pedidos à administração de *Batalha*.

Edição cuidada.

JULIANO QUINTINHA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: *Abnegación* de J. Sanjurjo. Preço: \$50—Pedidos à administração de *Batalha*.

Edição cuidada.

JULIANO QUINTINHA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: *Abnegación* de J. Sanjurjo. Preço: \$50—Pedidos à administração de *Batalha*.

Edição cuidada.

JULIANO QUINTINHA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: *Abnegación* de J. Sanjurjo. Preço: \$50—Pedidos à administração de *Batalha*.

Edição cuidada.

DESPORTOS

Bemfica: 2; Casa Pia: 0 — Cascais vencem o União por 5-4

No Campo do Restelo, com uma ventanira fria que arrepiava, levantando nuvens de poeira que cegavam os espectadores das bancadas, deram-se no domingo os antepenúltimos encontros da segunda volta do campeonato de Lisboa. Prejudicada a beleza do desporto pela impossibilidade dum perfeito domínio da bola devido ao forte nordeste, verificou-se entretanto o domínio da *ferocidade*, e como impossível uma boa execução técnica, optou-se pela *boa e eficaz agressão* mútua, que pelos modos, como as coisas vão correndo, tudo indica que está a fazer escola progressiva no género de futebol.

Foi vergonhoso o que se verificou em quasi todo o encontro Bemfica-Casa Pia. Não há o direito de se consentir, numa exibição pública, com o carácter demonstrativo de educação física, que as fases de associação, de conjunto técnico desportivo, sejam eliminadas por uma *selvática* caça ao homem, originando scenas de pugilato, degenerando num espectáculo degradante e indecoroso. Não seria difícil averiguar quem iniciou no domingo a série brutal da violência, que o espírito de *rêvanche*, muito caracterizado, tornou pouco depois geral.

Ambos os grupos se apresentaram com alterações nas suas linhas, apresentando Bemfica o antigo jogador João Moraes a extremo direito e a Casa Pia sem Gomes dos substitutos por Heitor. Os primeiros minutos foram de expectativa e ensaios, até que uma avançada da Casa Pia, conduzida pela esquerda, origina um remate que a trave defende. Fica estendido, com um forte pontapé no joelho, Fernando de Jesus que pouco depois tenta reentrar, mas não o consegue, porque a contusão é de molde a impossibilitá-lo para o resto da tarde. Simões substitui-o no lugar ficando Bemfica a jogar com quatro homens na linha avançada.

Começam a desenvolver-se as violências; V. Gonçalves reclama do árbitro a sua intervenção pois está sendo violentamente carregado. J. Graha numa colisão com V. Hugo sai do campo também fortemente magado. O jogo decorre sem beleza; a bola faz efeitos inesperados pela acção do vento que a impele; Crespo, perde a boca das rédes, um ponto mais que certo, mas que um forte *bicudo* desnecessário, faz subir a bola a grande altura e sai fora. As avançadas sucedem-se, Hugo Leitão corre com a bola junto à linha de limite do campo e centra; alguns jogadores, dos *negros*, gritam que a bola houvera saído fora do retângulo, o juiz de linha agita a bandeirinha em sinal negativo, a bola continua em jogo e está perto das rédes; era uma das boas avançadas do Bemfica; Graha suggestionado pela afirmativa dos seus, sem que o árbitro tivesse apitado, agarra a bola e atira-a para o local originário do incidente.

O árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, depois de ouvir o juiz de linha, a grande penalidade; há protestos, invectivas, verificando-se mesmo desrespeito por parte de um jogador casa-piano, que atira a bola, fora da mão do árbitro. Pimenta marca o ponto com um forte e bem colocado pontapé. Recrudescem então a brutalidade e generalisa-se; poucos se salvam. A decisão do árbitro, que foi tomada à letra do regulamento, seria talvez excessivamente rigorosa, mas alguém nos lembra facto identico, verificado há dias com Palhava, no 1.º Lisboa-Algarve. «Na grande área das rédes de Lisboa, um jogador daqui, mete mão; um dos algarvienses entusiasmado pelo momento que se oferece para marcar, agarra a bola imediatamente, antes que o árbitro, J. Nogueira, apitasse, dando em resultado ser marcado um pontapé livre contra o Algarve, beneficiando Lisboa por motivo do jogador algarvio tocar com as mãos a bola, que então ainda estava em jogo, sem que, principia o juiz apitasse para o *célio*. Daí a bronca e então... não se pode fazer a história do resto da primeira parte. Foram

expulsos por incorrecção quasi no final deste primeiro tempo Domingos Gonçalves e João Moraes que voltam a alinhar na segunda parte com consentimento do juiz de campo. Bemfica, em situação de inferioridade, deixa-se dominar pelos *negros* que se mostram pouco eficazes no ataque, não só por mau remate dos seus avançados, mas mais pela brilhante acção do trio defensivo *vermelho* que numa boa exibição destrói eficazmente todo o jogo do adversário. Entretanto dominados, conseguem os Benfiquenses por vezes, fugidas perigosas, dando lugar numa delas, por resultado de excelente preparação de Crespo, a que Hugo Leitão, um oportuno remate, consolida-se a vitória do seu clube bem merecida, pelo aador que poz na luta. O Casa Pia, continua dominando sem resultado; Crespo e Lopes são expulsos, e o jogo termina, com aprasimento dos *Sportingistas*, que assim viram firmada a posição do seu clube, como campeão de Lisboa, pois que os jogos que faltam em nada vêm modificar a sua classificação. Da arbitragem, a cargo de Joaquim F. Costa, difícil para quem nunca se viu em tais *assados*, não podemos dizer senão bem, levando em linha de conta é claro, a *qualidade* do jogo e também o facto de, para uma parte do público, ser visto com interesse no resultado, visto ser *leão*. Aguentou-se no balanço, embora pudesse ter evitado muito, se se tivesse imposto com mais energia quando se esboçaram as violências, que tam triste nota está dando, do valor moral de muitos homens, que apresentando-se em campo a defender as cores dos seus clubes não podem infelizmente para todos nós exigir, como de direito, o respeito público. Providencie a tempo quem de facto o pode e deve fazer.

Do jogo Cascais-União nada há a dizer em matéria de violência. Muito ao contrário. Lutando com as mesmas dificuldades, com que a natureza nos brindou, no domingo, com a entrada da primavera, verificou-se em muitas das suas jogadas, inteligência e vontade de adaptação do jogo às más condições do tempo. O jogo destes dois grupos, da II divisão, teve fases interessantes, equilibrando-se algumas das vezes e, embora o Cascais disponha de melhor técnica, mais perfeita e rápida condução no jogo, na sua linha avançada, o União, um dos poucos que tem progredido, poderia com um pouco mais de sorte, ter empatado, pelo menos. Acabado o primeiro tempo com um 3-3, o Cascais, na segunda parte, empregando-se a fundo, conseguiu marcar mais duas bolas e o seu adversário apenas uma, beneficiando ambos de grandes penalidades.

O primeiro lugar da II divisão cabe já ao Cascais, e se conseguir bater o último classificado da primeira, pode-se considerar *aspirante* ao título de campeão de Lisboa, se o conseguir arrebatar no virtual detentor: o *Sporting*. O que não é crível, embora fosse possível... merecedor, para nós, errada concepção das leis, que regem a disputa do campeonato de futebol.

A.

Segundas e terceiras categorias

Em segundas categorias, o Vitória conseguiu bater o Belenenses por 3-0, num jogo que bem pode classificar-se de violento, para não fingir as *regas*. Em terceiras Bemfica marcou dois pontos por não comparência da Casa Pia.

Pela França

A selecção francesa, que há dias foi batida, em sua própria casa, pelos *Paulistas* por 7-2, acaba de perder com a selecção representativa de Itália por 7-0, números estes que, por elevados, colocam em má posição, o valor futebolístico francês. No domingo, *Stade Français*, forte agrupamento parisiense, foi batido pelos *Paulistas* por 3-1, que registam já a sua segunda vitória em Paris.

Coliseu dos Recreios

HOJE—às 21 h. (9 da noite)—HOJE

2.ª apresentação dos mágicos dançarinos

5 Topsy Turvy 5

A maior e mais surpreendente novidade em dança

Trabalho nunca visto em Portugal

EXITO ASSOMBROSO—NUMERO INCOMPARAVEL

Admirável e sensacional programma de

Grande Companhia de Circo

SEMPRE NOVIDADES — SEMPRE ATRAÇÕES

5.ª feira, 26 — GRANDIOSA «MATINÉE»

Estão suspensas as entradas de favor

Teatro Nacional

HOJE, às 9,30 da noite

A LINDÍSSIMA PEÇA

DICKY

de originalíssima entrecho

intercalada

de enrantadores diálogos

Brilhantíssima interpretação

Sucesso incedível

BREVEMENTE:

Estreia de Chaby Pinheiro e

J

MENINAS
e todas as donas de casa

que desejem mudar os seus vestidos de cor escura para mais clara, podem fazê-lo comprando um tubo do afamado **Descorante «Lipsia»** tingindo-os depois na cor que desejarem com as anilinas **«WIKI-WIKI»**.

Cada tubo indica em português a maneira de se usar.

Este **descorante**, assim como as anilinas **«WIKI-WIKI»**, encontram-se à venda em todas as boas drogarias de Portugal e no depósito geral:

Rua da Madalena, 113, 2.^o
TELEFONE C. 5507
Sampaio & Rodrigues

CAMAS E COLCHÕES
ninguém vende mais barato
RUA POIAIS DE SÃO BENTO, 32
Sistema americano
Grande alegria nos lares
GÊNEROS de mercearia e papeleria a
retalho pelo preço de atacado. Rua de São
Juliano, 24 e 26.

Aos marceneiros
Madeiras secas serradas, optimas dimen-
sões. Preço sem competitor.
Vendem-se: castanho, freixo e nogueira.
A. PIRES
Azinhaga da Torrinha, ao Rêgo

GRATIS! MUITO SECO

Largo dos Inglesinhos,
LISBOA

TELEFONIA SEM FIOS

De há muito que se fazia sentir entre nós a falta de um livro em português sobre T. S. F. Acaba de ser posto à venda o primeiro livro sobre esse assunto. A sua leitura qualquer amador ou profissional se constrói aparelho receptores, montar estas redes telegráficas e ouvir em sua casa os melhores concertos mundiais. **INJUNTA-SE TELEFONIA S. P. C. E. GRAFIA SEM FIOS**, por Oliva Júnior, liv. 100809 cart. 1950. Pelo correio, registado, 128 70. Pedidos a: PARCERIA A. M. PEREIRA, R. AUGUSTA, 52.

Bibliot. C. M. M.

NOVELAS já publicadas, ao preço de 2500 cruzeiros, em todas as livrarias.

I - **Porção Jardim** - novela regional, por Campos Monteiro.

II - **O primeiro Dulce** que houve em Portugal - novela histórica, por Silva Teyares.

III - **O Vingador** - novela histórica, por João Gouveia.

Miss Esfinge
POR
CAMPOS MONTEIRO

ACABA de ser posto à venda a 2.ª edição desta romance, já largamente consagrado pelo público ao qual tomam parte **Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, José Vieira, Machado de Matos, Maria Sarmiento, o Alarques de Niza e Dr. Assis, Joaquim de encido emocionantissimo e que pode ser contado a olhos de mãos.**

Uma grossa volume de 350 páginas, todo, a venda em todas as livrarias.

Camilo Alcoforado
(Continuação de **Miss Esfinge**)
Romance por CAMPOS MONTEIRO

Um vol. de 400 páginas 12\$50

Livraria Editora - Porto

BOM E BARATO!!!
Feito de fates, com bous forros e esterado apara-
mento, a 20000. Aos operarios, sindicados
10 % de desconto.

Manuel Justino de Oliveira
Rua de Campolide, 61
(Ultima paragem do electrico)

MOLESTIAS DE PELE

Nas feridas, impigens, herpes e outras doencas de pele,
CURA-SE facilmente com a antiga e acreditada

Pomada de salicilato de chumbo composta
de Ribeiro Velga, farmaceutico

Deposito geral: **Farmácia Figueiredo**
42, rua dos Retrozeiros, 42

sem dúvida devia ainda habitar *Gildag*, irmão mais velho de *Bezeneq o Rico*, descendente como nós de Joel. Sentia um vivo desejo de ver Jerusalém, essa cidade onde mil anos antes nossa avó Genoveva tinha assistido ao suplicio do carpinteiro de Nazaré, o pobre artista, o grande sábio, o amigo dos cativos, dos pobres e dos aflitos, o inimigo dos sacerdotes hipócritas, dos ricos e dos poderosos.

Joana e Colombaik montavam ora um ora outro no jumento quando estavam cansados; eu experimentava uma grande alegria de ver pela primeira vez na minha vida, minha mulher e meu filho vestidos com accio, recobrando pouco a pouco as suas forças, extenuadas por tantas fadigas e privações. Seguíamos o exército, na frente marchavam os cavalleiros, que levavam a bandeira de S. PEDRO, o discipulo de Jesus, PEDRO, o primeiro dos papas de Roma; PEDRO, o corbarde renegado, que com receio de perder a pele, renegou seu jóvém mestre. Depois da bandeira de PEDRO, seguiam-se, debaixo do commando dos senhores, os seus homens de armas, com a bandeira de cada senhorio, onde estavam bordadas as suas armas ou gritos de guerra, tais como: A Cristo vitoriosos! Ao reino de Jesus! Este último grito lia-se no estandarte do principe de Tarento. Depois avançava o nuncio do papa, acompanhado do clero, logo após as bagagens,



A Conferência Juvenil de Lisboa iniciou anteontem os seus trabalhos

As sessões têm decorrido com entusiasmo, tendo na da abertura proferido interessantes discursos o dr. Ferreira de Macedo e o professor Manuel da Silva

Inaugurou-se ante-ontem, pelas 10,30, a 1.ª Conferência das Juventudes Sindicais de Lisboa. A mesa da sessão preparatória ficou composta pela Comissão Organizadora da conferência. Compareceram: o Núcleo central e as secções: Central, Empregados no Comércio, Metalúrgica, Mobilidade, Beato e Olivais.

E nomeada a comissão de verificação de mandatos que ficou composta por Julião de Almeida, Egídio Correia e José de Oliveira. A sessão é suspensa por 15 minutos. Reaberta a sessão é lido o parecer da comissão que é aprovado após sobre ele terem falado Costa Vaz e Virgílio de Sousa.

Entra-se em seguida na 1.ª sessão. Preside Vasconcelos da Silveira, secretário-geral por António de Sousa e Virgílio de Sousa. Passa a discutir-se, na especialidade, o regulamento da conferência. Falam sobre ele, entre outros, Guilherme Mesquita, Emídio Santana, Costa Vaz, Manuel Caetano, Vasconcelos da Silveira, Egídio Correia, Acácio Pinto, João Gomes, José da Silva, sendo, por fim, aprovado que todos os militantes juvenis tenham voto deliberativo.

José da Silva propõe uma saudação aos presos por questões sociais, aprovada com um aditamento no sentido de dois delegados irem transmitir aos presos as saudações da conferência.

São aprovadas saudações à A. I. T., ao Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército e à Associação de Professores de Portugal.

O delegado da U. S. O., saída a Conferência Juvenil em nome desse organismo. O professor Manuel da Silva declara que a Associação de Professores de Portugal tem sobre a educação o conceito moderno, segundo o qual o professor também aprende com o discípulo. Elogia a Conferência pelas altas ideias que ela encarna e saúda-a em nome do organismo que representa.

Em seguida é aprovado, sem discussão, o relatório da comissão organizadora. Caetano propõe que seja saúda a Internacional dos Trabalhadores do Ensino. É aprovado.

José Carlos de Sousa saúda a Conferência em nome do grupo «O Semeador», ao que a conferência responde saudando todos os grupos libertários. É encerrada a sessão, cerca das 14 horas.

A 2.ª sessão

A 2.ª sessão começa às 15,30 e é presidida por Virgílio de Sousa, secretário-geral por Germinal e António de Sousa. É lido o expediente que consta de ofícios dos presos por questões sociais e da União Anarquista Portuguesa saudando a Conferência.

Entra em discussão a tese «Educação dos jovens sindicais».

O dr. sr. Ferreira de Macedo declara que não é sindicalista, pois que ao assumir a profissão de professor se colocou fora de todo o credo político ou social.

Analisa largamente a tese, concordando que os jovens se devem inscrever nas escolas de ensino técnico e industrial. Dissera sobre educação geral afirmando que esta deve comportar a formação do carácter, da inteligência e da vontade. O professor Manuel da Silva faz várias considerações sobre educação propondo uma saudação à Liga de Acção Educativa.

É aprovada, por unanimidade, uma saudação à Universidade Popular Portuguesa. Sobre o assunto falam Costa Vaz, Emídio Santana, que refere as perseguições que os governos têm feito às Escolas Industriais arrancando-lhe algumas das suas realidades. Falam ainda Vasconcelos da Silveira, Viegas Carrascalão, que propõe a criação no Núcleo de aulas de instrução primária, Costa Vaz, Carlos Silva, Santos Arranha, Manuel da Silva, Virgílio de Sousa, sendo depois devido ao adiamento da hora encerrada a 2.ª sessão.

3.ª sessão

Aprovou a tese «A cultura física e a mocidade» e discutiu vários assuntos de interesse para a organização juvenil

Com a mesa da sessão anterior e a representação de quase todos os conferencistas inscritos, da C. G. T., U. S. O., Associação de Professores de Portugal e Federação Juvenil, realizou-se ontem a 3.ª sessão da Conferência Juvenil de Lisboa, às 21 horas.

Sobre as actas da 1.ª e 2.ª sessão, falam Costa Vaz, Virgílio de Sousa, Carrascalão e o delegado da A. dos Professores de Portugal, sendo aprovadas com algumas rectificações.

Em seguida a nova mesa, composta por Carlos Silva, presidente; António de Sousa e Julião de Almeida, secretários, ocupou o seu lugar.

Lido o expediente, que constava dum telegrama de Évora, saudando a Conferência, e ofício do S. dos Condutores de Carreiros com o mesmo teor.

António Sebastião Marques propõe que seja estabelecido um período de meia hora antes da ordem. Sobre a proposta falam Carrascalão e Guilherme Mesquita que discordam dela.

Vasconcelos da Silveira propõe, em questão prévia, que se entre imediatamente na ordem de trabalhos. Foi rejeitado.

Aprovada a proposta de Sebastião Marques, Emídio Santana requer que o delegado do grupo «O Semeador» lhe seja dada a prioridade para a leitura dum documento.

Este dá a preferência a Carlos Coelho, delegado da C. G. T., o qual num pequeno discurso explica as razões porque só hoje a Central dos Sindicatos vem à Conferência.

Termina exprimindo os votos de que a Conferência produza um trabalho elevado digno da mentalidade das Juventudes Sindicais.

José Carlos de Sousa, delegado do grupo «O Semeador», procede à leitura dum documento de saudação à mocidade trabalhadora pela sua Conferência, exaltando a

importância dos seus trabalhos, especialmente no que se refere à Educação.

O protesto da Conferência contra a ditadura espanhola

Costa Vaz apresenta a moção que segue, a qual é aprovada pela Conferência: «A 1.ª conferência das juventudes sindicais de Lisboa, na sua 3.ª sessão, resolve:

Saudar a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, na pessoa do antigo secretário administrativo do seu comité nacional, que em Portugal se encontra exilado pelo militarismo espanhol, e que está presente na conferência.»

Sobre a representação da C. G. T. falam ainda José da Silva e Guilherme Mesquita. João Gomes, numa inteligente crítica aprecia a orientação das sessões da Conferência que, em sua opinião, deviam decorrer mais elevadas.

Manuel Perez agradece a manifestação de solidariedade da Conferência às vítimas de Rivera.

O orador vê na Conferência uma alta manifestação da mentalidade juvenil, perfeitamente integrada nos problemas de aperfeiçoamento moral do proletariado.

Na ordem de trabalhos, foi lido o relatório da comissão administrativa do Núcleo de Lisboa. É um documento bem urdido, com profunda análise psicológica do movimento juvenil e historiador de toda a vida das Juventudes Sindicais.

Os delegados da Federação entendem que a Conferência tendo apenas funções de estudo não deve ocupar-se do relatório que só à assembleia do Núcleo compete. Nesse sentido apresenta uma moção de ordem, a qual a Conferência aprova.

Os mesmos delegados, ao entrar-se na discussão da tese marcada na ordem, propõem para que se discuta a tese «Organização intensa da juventude». Rejeitada, depois de falarem Silveira, M. Caetano e Julião de Almeida.

A Conferência advoga a prática da verdadeira cultura física

Vai apreciar-se agora a tese «A cultura física e a mocidade».

José dos Santos, relator, depois da sua leitura, esclarece que em virtude dum lapso na tese apresentará depois um aditamento à mesma, como reconhecimento de que toda a base da cultura física reside na ginástica.

Sobre a tese falam o delegado da A. dos Professores e Virgílio de Sousa, que dizem que o problema da educação física está ligado ao da educação social. Todo o sistema de disputa exacerbada o sistema nervoso e espírito de rivalidade nos variados aspectos do desporto. Deve-se, pois, suprimir esse facto de facciosismo de grupo, e defender-se a verdadeira cultura física, pela prática da ginástica, etc.

Emídio Santana e Viegas Carrascalão também vêm no futebol o espírito de rivalidade que a base de campeonato seguida em quase todos os desportos é originário. Defendem, pois, o critério da supressão de todo o desporto que crie o espírito de luta e alimente a rivalidade de grupo.

José da Silva Costa requer que em face do adiamento da hora e após a aprovação da tese «Educação Física», seja encerrada a sessão, passando a tese «Propaganda» para a 1.ª parte da ordem dos trabalhos da sessão de amanhã.

Foi aprovado. Sebastião Marques, não sendo futebolista, entende que o desporto bem aproveitado, sem o espírito de disputa, algumas vantagens pode trazer.

Falam ainda sobre a tese António de Sousa, Carrascalão, João Gomes e Manuel Caetano, que reforçam as afirmações produzidas.

Vasconcelos da Silveira requer que, devido ao adiamento da hora, se passe à discussão das conclusões da tese «Cultura Física».

Depois de várias explicações entre V. de Sousa, Silveira e Carrascalão, são aprovadas as seis conclusões da tese em discussão.

A 4.ª sessão realiza-se hoje, às 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Tese sobre propaganda; 2.ª Parecer sobre ensino primário; 3.ª Tese sobre organização.

Depois de eleita a mesa para a sessão de hoje, a Conferência suspendeu os seus trabalhos à 1 hora de hoje.

O SUPLEMENTO DE «A BATALHA» VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

FESTAS ASSOCIATIVAS

Associação de Classe dos Colchoeiros

Sob a presidência de Dário Nóvoa, realizou-se ontem a sessão comemorativa do 10.º aniversário da fundação da Associação de Classe dos Colchoeiros, e a inauguração do retrato do fundador da colectividade, já falecido, Miguel Luís dos Santos.

Usaram da palavra Luís de Moraes, Borges Frazão, Joaquim Pedro Horta, Paulo Caldeiros, Constantino Rocha e Raúl Lopes.

Todos os oradores se referiram à acção de Miguel Luís dos Santos, como grande propagador dos princípios associativos.

Pró-André Calcinhas

A comissão de auxílio a este camarada recebeu mais três seguintes importâncias: Sindicato Rural de Alter Chão, 42515; Idem de Beja, 20500; Idem de Terrugem, 24570; S. dos Empregados no Comércio de Extremoz, 50500; Alfredo Cristiano, 10500.

Todos os donativos devem ser enviados a Júlio Madeira, Cabeço de Vide.

AS GREVES

O conflito marítimo de Olhão

Um comício proibido --- Uma carta aberta à força armada protegendo os armadores

OLHÃO, 20.—Continua no mesmo pé o conflito marítimo, única e simplesmente por um capricho dos armadores que persistem em não reconhecer o sindicato marítimo. Esta atitude dos armadores traz o povo completamente exaltado. Por toda a vila se ouve centenas de bocas clamarem contra este estado de coisas. E não obstante isto, os armadores continuam na mesma atitude irritante, dispostos a matar lentamente o povo pela fome. No desejo de contribuir quanto possível para a solução do conflito a U. S. O. tem realizado várias «démarches» que não tem dado resultado pela indecisão e desconsideração para com o povo com que os armadores tratam a questão.

Em face destes factos, o mesmo organismo, marcara para domingo um comício público, que o delegado do governo proibiu. Este comício tinha por único fim explicar ao público verbalmente qual o origem do conflito e os motivos porque ele se não resolve com honra para ambas as partes. Não obstante isso, foi proibido. Por isso, a U. S. O. resolveu enviar à Associação Industrial e Comercial, uma carta aberta que foi distribuída ao público. Na reunião do conselho de delegados do mesmo organismo, foi resolvido enviar-se um exemplar dessa carta directamente para a referida associação. Pois quando tudo indicava que os armadores aceitassem isso como consideração para com a Associação Industrial e Comercial, sucedeu justamente o contrário. Porquanto o sr. João Correia, presidente dos armadores, teve o desluzo de declarar ao delegado que lhe fora entregar a carta, que não reconhecia para nada a associação marítima e a U. S. O. E' devesse acreditar e revoltante o que se está passando. Um simples homem cujos instintos não são nada agradáveis, estar com o consentimento dos armadores a provocar uma população inteira. O movimento da classe marítima, é um dos mais justos que até à data aqui se têm feito, mais ainda se impõe pelo carácter moral que o reveste. Não obstante, os armadores no desejo de reduzir toda essa gente à mais abominável das escravidões, empregam todos os subterfúgios para iludi-la. O último é um dos mais revoltantes, e foi cometido pelo presidente dos armadores. Consiste ele no seguinte: O sindicato marítimo sabendo que a rede do sr. João Correia, estava em perigo de estragar-se, consultou por marítimos do cerco daquele senhor, aconselharam-no a alcatrazar a rede para que ela se não estragasse. E os marítimos assim fizeram, porém, aquele senhor abusando desta delicadeza, começou por propagar que tinha gente para compor a tripulação de dois cercos e que por isso não pretendia nada da associação. Sabedores disto os marítimos na sua maioria negaram-se a ir transportar a rede para o vapor, não querendo mesmo escutar os conselhos da direcção. E desta forma correu a rede o risco de perder-se. Não sucedeu isso por um pequeno grupo de marítimos se terem disposto a seguir o conselho da classe que entendeu que se deveria poupar a rede. E, mesmo assim, foi necessário que vários apunhados (chalões da praça) fossem ajudar. Quando tudo indicava que o sr. João Correia deveria ter em consideração este elevado gesto de nobreza e bons sentimentos da classe marítima, sucedeu uma coisa abominável.

A guarda republicana, o delegado do governo e a polícia, colocaram-se no cais, formando um verdadeiro aparato bélico. Ora isto não era certamente senão para que a desordem se travasse a fim de que os planos infernais que temos vindo denunciando, fossem postos em prática.—C.

A dos quadradores da fábrica Cabrita do Barreiro

BARREIRO, 21.—Para apreciar um conflito suscitado na fábrica do sr. Cabrita com os operários recortadores, reuniram os corticeiros desta vila, que resolveram reclamar daquele industrial o pagamento de 2500 pelo trabalho a padola, que hoje se efectua por 1933.

Em virtude da recusa do referido industrial em atender esta reclamação, o pessoal abandonou o trabalho, situação que se manterá enquanto a reclamação não for atendida.

O sindicato respectivo avisa, por este meio, os operários recortadores de todo o país que não devem vir trabalhar para esta localidade.—E.

Li mpeza dos navios no porto de Lisboa

Neste momento, em que os trabalhadores da especialidade lutam pelo seu direito à existência, vem o Sindicato Unico dos Trabalhadores de Limpezas e Pinturas de Navios no porto de Lisboa, expor os motivos da paralisação.

Não foram os operários que abriram o conflito; ele deve-se à intrinsecidade dos srs. Horta e Gouveia, que além de não quererem atender as comissões que os procuraram, pretendiam despedir alguns operários. Foi ante esta atitude desses senhores que o sindicato resolveu promover a paralisação do trabalho.

E' necessário que todos os operários em greve atentem bem nos seus direitos em jogo e que saibam manter-se com firmeza, não retomando o trabalho senão quando a conquista dos mesmos estiver melhor consolidada.—O S. U. T. Limpeza e Pintura de Navios.

Aos metalúrgicos

A comissão administrativa do Sindicato Metalúrgico faz sentir aos componentes da classe que trabalham nas docas de Parceria de que não devem prejudicar o movimento do Pessoal de Limpezas e Pinturas de Navios.

Secção telegráfica

Federações

METALÚRGICA

MARINHA GRANDE.—Queiram mandar para esta federação o requerimento que enviamos.

CONFERÊNCIAS

«Orientações novas no mutualismo»

O dr. sr. Manuel de Vasconcelos Carneiro e Menezes, realiza no salão da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria amanhã, às 21,30 horas, uma conferência sob o tema: «Orientações novas no mutualismo».

«A propriedade»

Promovida pelo Grupo de Educação Social de Palma, realiza-se hoje uma conferência na secção sindical de Palma, em que o camarada José Carlos de Sousa tratará o tema «A propriedade».

«O valor educativo da investigação científica» pelo dr. Simões Raposo

Com este tema realizou ante-ontem o sr. dr. Simões Raposo, uma interessantíssima conferência, na Universidade Livre.

Muitas inteligências privilegiadas—afirmou o conferente—que pelo brilho e pela vivacidade deslumbram e encantam, resultam esteiras para o progresso da humanidade. Uns falham por timidez outros por excessiva ousadia e sempre por falta dum disciplina científica.

O que caracteriza em primeiro lugar um verdadeiro homem de ciência é a sua independência de espírito, a firmeza da sua crítica, a confiança nas verdades que proclama. Mas aquele que se presa de ser um investigador não ataca as teorias geralmente admitidas apenas com argumentos nascidos da sua meditação. Isso fazem-no os teóricos. Eles buscam nos factos e nas experiências a confirmação das opiniões alheias e a confirmação das próprias. O respeito pelo facto exactamente observado é igualmente uma das características dos investigadores.

A dignidade mental, o amor da verdade e o espírito da exactidão são as feições fundamentais do verdadeiro homem de ciência. E a própria natureza do seu trabalho que o habilita a ser assim.

A investigação científica é pois uma escola de aperfeiçoamento moral e intelectual. Esta deve ser feita sobretudo nas Universidades. Quando elas estiverem imbuídas desta disciplina mental terão de ser os focos de onde irradiar para toda a sociedade o hábito de pensar, de criticar e de agir sob a supremacia da razão.

O racionalismo não exclui o sentimentalismo nem lhe é antagónico. Sente-se com o coração e pensa-se com o cérebro.

«A educação popular pelo teatro»

Sob todos os aspectos interessante foi a conferência que o professor sr. César Pôrto realizou no domingo passado no Sindicato dos Empregados de Escritório sobre «A educação popular pelo teatro».

Apresentado por um membro da direcção daquela Associação, que frisou a incontestável competência do orador para o tema que escolheu, não só pela sua qualidade de professor mas também pela sua participação nessa obra admirável de educação que é o Teatrinho Juvenil, o professor César Pôrto inicia as suas considerações afirmando que não iria dizer coisas terríveis, como se poderia supor pela proibição de que fora vítima noutro domingo, mas apenas apresentaria a sua crítica sobre o teatro e a acção que ele deve exercer como optimo elemento de educação popular.

Numa exposição cheia de belos ensinamentos o conferente diz o que é a arte e a literatura, fazendo notar que ainda nas obras que não sejam didáticas, mas sim puramente de fantasia, o artista deve ter sempre em vista um objectivo que não seja deseducativo. Assim o teatro tem que ter também sempre presente uma finalidade educativa, tanto mais que ele é um dos elementos mais acessíveis às multidões pouco cultas. De facto o actor exerce sobre o público uma influência importante e, por intermédio dele, se pode fazer, por se tornar mais assimilável, a educação popular.

No entanto, para a maioria das pessoas a educação é o professor, e por assim dizer, a ausência de diversão. Esta noção que vulgarmente se possui da educação, é necessária que termine porque, se convém que o espectador vá ao teatro como a criança vai à escola, isto é para aprender, e bom que o faça como aquela—divertindo-se.

A característica de diversão não exclui uma finalidade educativa. O orador descreve depois a evolução do teatro e referindo-se aos tempos modernos anota a influência que nele teve o realismo. Criticando as obras que exercem uma acção deseducativa e, por consequência anti-social, faz ver como um escritor, ainda que com isso não consiga acceitar a celebridade feita de réclames, por não lisongear o gosto depravado, não deve esquecer que, como homem e como artista, lhe pertence antes contribuir para o aperfeiçoamento humano.

A propósito analisa o que faz a crítica e o que deveria fazer a fim de que os esforços louváveis do dramaturgo e do actor, num sentido educativo, encontrassem um ambiente carinhoso que os recebesse. A crítica deveria mesmo manter um invariável silêncio sobre as obras que estivessem abaixo dela. Apresentando muitos outros argumentos no decorrer da sua interessante conferência, o professor sr. Cesar Pôrto mostra-se partidário dum teatro servido por um grande ideal de educação, de perfeição moral, estética e intelectual, sendo no final da sua excelente lição muito aplaudido.

Acaba de aparecer:

Três aspectos da Revolução Russa

Por EMILE VANDERVELDE

Preço: 5500

A' venda na administração de A Batalha e nas livrarias

SOLIDARIEDADE

Manipuladores de pão

A comissão angariadora de donativos para custear as despesas feitas com o julgamento dos operários presos, reúne hoje às 12 horas, à porta da Brasileira.

Lêde o Suplemento de «A Batalha»

Contra o monopólio dos tabacos e dos fósforos

Um vibrante manifesto do Grémio «Luz e Vida»

Os monopólios dos tabacos e dos fósforos que estão prestes a acabar estão fazendo esforços redobrados para se manterem. E entre os políticos não falta quem mantenha o «desinteressado» critério que eles devem subsistir, mau grado os prejuízos que dão aos consumidores e o justo ódio que a maioria—uma esmagadora maioria—da população lhes consagra, mau grado as promessas que no tempo da propaganda se fizeram. O Grémio «Luz e Vida» com sede no Porto publicou um manifesto contra os referidos monopólios, do qual extraímos as seguintes passagens:

«Mas, acabando com esses monopólios, não queremos cair em situação que, por todos os motivos, é de molde alevantar dúvidas e suspeições; e, sobretudo, a desconfinar a totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie seria um perigo maior que o Monopólio; devemos lembrar-nos da escandalosa e desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está prestando serviço nas companhias monopolistas pois que a sua situação futura tem de ser devidamente acautelada, como não poderia deixar de ser, e portanto não têm razão de existir os queixumes do pessoal e a sua reclamação de que se enverede pelo ruinoso caminho da Régie, quando apenas o que seria razoável e justificado, por parte de todo esse pessoal, seria que afirmasse bem alto os seus direitos, não consentindo jamais que eles fossem postergados.»

Safo ontem

o Suplemento literário de «A BATALHA»

SUMÁRIO

O que foi a comemoração do centenário de Camilo.

A questão do anti-semitismo em Portugal, por Ferreira de Castro.

O espectro da personalidade, por Eduardo Fries.

Camilo, por Nogueira de Brito.

Decadência da sociedade portuguesa, por E. F.

Ainda o senhor D. Sebastião, por J. B.

Eclos da Semana, por F. de C.

Carta pagá a um jovem cristão, por Mário Domingues.

Os hum lides (com gravuras).

Palavras sobre higiene, pela médica D. Adelaide Cabette.

Os anarquistas e o problema da educação.

Chico, Zecas e C.ª.

O que todos devem saber...

A leitura do Suplemento literário e ilustrado de A Batalha interessa a toda a gente: Instrui, deleita e educa. Preço do número, 50 centavos.

INTERESSES DE CLASSE

Impressores tipográficos

A todos se impõe o dever de contribuir para a defesa dos seus próprios interesses

Realiza-se amanhã uma assembleia geral da nossa classe, a fim de apreciar assuntos da máxima importância e que a todos os componentes da classe deve merecer o máximo interesse. Será apreciada a actual crise de trabalho, que bastante se está fazendo sentir e que bem mais funestas consequências nos poderá trazer, se a classe se não aperceber quanto antes do momento que mais do que nunca se apresenta cheio de dificuldades e de perspectivas angustiosas.

Nesta assembleia serão também apreciados trabalhos atinentes ao rubricamento da organização gráfica, a fim de a dotar de novas energias para que resulte mais profícua a luta que dia a dia temos de sustentar contra o capitalismo.

Não basta ser associado, é indispensável comparecer às assembleias, colaborar nos seus trabalhos, para que a direcção, interpretando o sentir da classe e conjugando todos os esforços, possa fazer do Sindicato o forte baluarte das nossas aspirações.

Aos impressores associados impõe-se também o dever de, como propagandistas do seu Sindicato, se esforçarem por organizar os seus companheiros de trabalho. Só assim podem evitar bem tristes dias, porque mais cruelmente serão explorados e a sua existência tornar-se há mais tenebrosa.

ANTÓNIO COSTA

Impressor sindical

Rendimentos dos operários

Morto pelo comboio

LAGOS, 21.—Quando ontem estava a trabalhar numa reparação da linha férrea próximo à estação desta cidade, foi colhido por uma máquina que andava em manobras, um pedreiro dos Caminhos de Ferro, de nome Florencio e residente em Faro, ficando com as pernas partidas pelas coxas.

Sendo transportado para o hospital desta cidade, chegou lá já cadáver, sendo a sua morte, segundo opinião dos médicos, resultante de uma pancada no peito que lhe produziu lesões internas.

O cadáver foi hoje sepultado no cemitério desta cidade, sendo o funeral muito concorrido principalmente por ferroviários que vieram das estações que compõem a Delegação Ferroviária do Algarve.—C

Vida Sindical

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne hoje pelas 21 horas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação Mobilidade.—Comissão administrativa.—A's 17,30 horas, para continuação de trabalhos.

Federação Metalúrgica.—A Comissão Administrativa às 20 horas.

Operários Alfaiates.—Pelas 21,30 para continuação dos trabalhos dados da última reunião de corpos gerentes, todas as comissões em reunião ampliada a todos os que em exercício cargos neste Sindicato.

Operários Municipais.—Pelas 20 horas, em sessão magna, na sede, travessa da Agua Flor, 16, 1.ª, a fim da comissão de «démarches» apresentar as tabelas completas sobre aumento de salário.

Refinadores de Açúcar.—Pelas 19,30, para tratar de aumento de salário e apreciar as contas do mês de Janeiro e Fevereiro.

Litógrafos e Anexos.—A's 20 horas, a comissão administrativa, conselho fiscal, delegados à federação e U. S. O., com os delegados nomeados na última assembleia geral para tratarem o caso da Foto-Litográfica, a fim de se apreciar um assunto referente ao pessoal dessa casa.

Impressores Tipográficos.—A direcção e conselho fiscal, às 21 horas.

S. U. C. Civil.—Secção dos Estudantes.—Reúnem hoje, pelas 20 horas, as comissões administrativas actual e anterior para apresentação de contas, devendo comparecer o ex-tesoureiro.

Descarregadores de Mar e Terra.—Pelas 20 horas, a assembleia geral.

Compositores tipográficos.—Pelas 18,30 horas a assembleia geral para discussão da moção de Soares da Costa sobre as divergências entre militantes.

A comissão pró-desempregados às 17,30 horas.

PARA DIAS PRÓXIMOS: